

DEPURAÇÃO DO NARCISISMO NA DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Depuration of narcissism in conscientiological teaching

Munir Bazzi

RESUMO. Este trabalho apresenta a problemática do narcisismo perante a autoevolução, revisa e sugere critérios diagnósticos, expõe as correlações do traço narcisista com a docência conscienciológica e relata as estratégias utilizadas pelo autor para o autoenfrentamento e a autossuperação da patologia em questão. O método utilizado foi a associação da pesquisa bibliográfica com as autopesquisas do autor (registro e análise de vivências, experimentação das estratégias de mudança, relato dos resultados). A investigação aponta que o narcisismo pode ser uma formação reativa à autoestima vulnerável e ao autoconceito negativo, de modo que o orgulho e a grandiosidade são apenas camadas exteriores autodefensivas. Conclui-se que coragem para encarar sinceramente o autoconceito negativo e iniciar a descensão cosmoética, seguida do soerguimento verdadeiro por meio da interassistência são os elementos-chave para a recin do narcisismo.

Palavras-chave: autoconceito; interassistência; narcisismo; personalidade; recin.

ABSTRACT. This paper presents the problem of narcissism in the face of self-evolution, reviews and suggests diagnostic criteria, exposes the correlations of the narcissistic trait with conscientiological teaching and reports the strategies used by the author for self-confrontation and self-overcoming the pathology in question. The method used was the association of bibliographic research with the author's self-research (record and analysis of experiences, experimentation with change strategies, report of results). The investigation points out that narcissism can be a reaction formation to vulnerable self-esteem and negative self-concept, so that pride and grandiosity are only self-defensive outer layers. We conclude that courage to face the negative self-concept sincerely and initiate the cosmoethical descent, followed by the true uplift through interassistance, are the key elements for the intraconsciential recycling of narcissism.

Keywords: Self-concept; Interassistance; Narcissism; Personality; Intraconsciential recycling.

INTRODUÇÃO

Motivação. O presente artigo foi motivado pela autoconscientização, por parte do autor, quanto à premência evolutiva em promover a reciclagem intraconsciential (recin) do traço de narcisismo presente em sua personalidade, bem como das implicações desse traço na docência conscienciológica.

Impacto. Embora já houvesse empreendido autopesquisas quanto aos temas da competitividade e da autoimagem, diretamente correlacionados ao narcisismo, foi necessário maior autoenfrentamento e descensão cosmoética para este autor reconhecer a profundidade, a abrangência e o impacto do traço narcísico no holopensene pessoal.

Contribuição. Tal pesquisa, portanto, é a decorrência ou desdobramento de um processo autoconsciencioterápico de mais de um decênio, sem prazo para finalizar diante dos desafios da holomaturidade consciencial, mas cujos avanços e remissões parciais estimulam o compartilhamento dos achados visando contribuir com todos que possuem alguma identificação com o quadro.

Camadas. Essa cronologia corrobora a tese de que a autopesquisa e a autoconsciencioterapia se processam em camadas, sendo determinadas pela vontade e coragem de ir mais a fundo e pela superação de autocorrupções, de auto e heteroassédios e dos fatores redutores do autodiscernimento.

Metodologia. A metodologia de autopesquisa empregada consiste essencialmente em anotações e revisões das autorreflexões recorrentes sobre o tema, registro e análise, a mais detalhada possível, das vivências pessoais nas quais o traço narcisista se manifesta, experimentação de estratégias para reciclagem do traço em questão (a serem expostas ao longo do texto) e aplicação de uma hermenêutica pessoal na interpretação, organização e relato do conjunto de resultados de todas as abordagens anteriores.

Hermenêutica. A autopesquisa impõe o desafio da abordagem metodológica das autovivências, as quais possuem sempre um caráter misto: *nomotético* ou geral, que admite comparações interpessoais e para o qual a pesquisa bibliográfica é de grande utilidade, e *idiográfico* ou particular, cujo conteúdo subjetivo único, e algumas vezes difícil de exprimir, só pode ser resolvido pelo desenvolvimento de hermenêutica própria (CLONINGER, 1999, p. 5-7; VERNET, 2020; VIEIRA, 2008, p. 28-29).

Objetivos. Com base no exposto, os objetivos deste artigo são: apresentar a problemática do narcisismo perante a autoevolução, revisar e sugerir critérios diagnósticos para essa patologia, expor as correlações do traço narcisista com a docência conscienciológica e relatar as estratégias utilizadas pelo autor para o autoenfrentamento e a autossuperação do traço narcísico.

1. CARACTERIZAÇÃO DO NARCISISMO

Origem. O termo narcisismo deriva do nome do personagem mítico Narciso, retratado na obra *Metamorfoses* do poeta romano Públio Ovídio Naso (43 A.E.C. - 17/18 E.C.).

Lenda. Nessa lenda, Narciso é descrito como jovem de excepcional beleza que ignorava a todos que o amavam, mas foi condenado por Hera a apaixonar-se profundamente pela primeira pessoa que avistasse, após o que mirou seu reflexo nas águas e caiu absorto pela própria imagem até “que a consciência o abandonou” (BACON, 2002, p. 28; LEVY et al., 2011, p. 3).

Pioneiros. O médico e sexólogo britânico Havelock Ellis (1859 - 1939) foi o primeiro a utilizar, em 1898, a metáfora de Narciso para se referir a uma condição autoerótica, seguido do psiquiatra alemão Paul Näcke (1851 - 1913) que efetivamente cunhou, em 1899, o termo narcisismo (*Narcissismus*) para descrever a atitude dos indivíduos que tratavam o próprio ego como objeto sexual (LEVY et al., 2011, p. 4).

Psicanálise. Por sua vez, os psicanalistas Otto Rank (1884 - 1939) e Sigmund Freud (1856 - 1939) foram os primeiros a dedicar ensaios completos ao tema, esse último tendo postulado um narcisismo primário em todos os indivíduos, mas que pode se tornar demasiadamente acentuado naqueles que, relativamente ao objeto amoroso, “adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus” (FREUD, 1914, p. 94).

Distinção. Para fins teóricos e práticos nos campos da psiquiatria e psicoterapia, é relevante distinguir entre uma entidade clínica chamada transtorno de personalidade narcisista, que apesar de quase ser removida manteve-se no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – fifth edition* (DSM – V), e o *traço de personalidade narcisista*, existente como espectro de manifestações em diferentes gradações (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 648; SOUTH, 2011, p. 22-25).

Manual. O DSM – V é o manual de auxílio ao diagnóstico de transtornos mentais editado pela Associação Americana de Psiquiatria, o qual se consolidou como referência na diagnose médica das psicopatologias nos últimos 60 anos mesmo sob inúmeras críticas, sobretudo relativas à incompletude do enfoque puramente descritivo e classificatório, em detrimento das abordagens etiológicas e explanatórias (MCHUGH, 2005, p. 2526-2528).

Pragmatismo. Este autor concorda com a crítica da incompletude do enfoque meramente sindrômico do DSM – V, porém nos valeremos da descrição dos critérios deste manual para a caracterização inicial do transtorno de personalidade narcisista, de modo a obter uma primeira visão pragmática da psicopatologia em questão.

Crítérios. Desse modo, o DSM – V define o transtorno de personalidade narcisista como “um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 669-670), sendo diagnosticado na presença de cinco ou mais dos traços contidos na tabela a seguir:

Tabela 1 - Transtorno da Personalidade Narcisista: Critérios Diagnósticos*

1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância (p. ex., exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes).
 2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.
 3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada.
 4. Demanda admiração excessiva.
 5. Apresenta um sentimento de possuir direitos [privilégios] (i.e., expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que esteja automaticamente de acordo com as próprias expectativas).
 6. É explorador em relações interpessoais (i.e., tira vantagem de outros para atingir os próprios fins).
 7. Carece de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros.
 8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam.
 9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes.
-

Fonte: Adaptada do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, 5ª ed. (DSM – V), 2014.

Tipos. As investigações psicológicas sobre o narcisismo caminham para um consenso de que existem dois tipos básicos de manifestação dessa patologia, a saber (CALIGOR *et al.*, 2015, p. 416-417; AARON & ROCHE, 2011, p. 31-38):

1. Tipo grandioso: grandiosidade declarada, busca de atenção, crença em ter direito a privilégios, arrogância e pouca ansiedade observável externamente. Podem ser pessoas socialmente

charmosas, mas, como regra, desatentas às necessidades dos outros, além de exploradoras nas relações interpessoais.

2. Tipo vulnerável: grandiosidade dissimulada, fragilidade, inibição, angústia manifesta, hipersensibilidade às opiniões alheias ao mesmo tempo com inveja crônica e comparação de si em relação aos outros. Do ponto de vista interpessoal, são pessoas geralmente tímidas, autodestrutivas aos olhos dos outros, hipersensíveis à desconsideração, ao mesmo tempo que cultivam secretamente a crença na própria grandiosidade.

Traços. Outra abordagem aos transtornos de personalidade em geral, incluindo o narcisista, é a de que se tratam de variações extremas e configurações problemáticas de traços normalmente encontrados no ser humano considerado mentalmente hígido (MILLER & MAPLES, 2011, p. 71).

Dimensional. Tal abordagem é também chamada de *dimensional*, pois postula um *continuum* na manifestação dos traços de personalidade, os quais se estendem num espectro ou dimensão que vai da adaptabilidade / aceitação social / funcionalidade, até os extremos da inadaptação / rejeição social / disfuncionalidade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 761-763 e 767-768; MILLER & MAPLES, 2011, p. 72).

Categorial. Este autor julga que a abordagem dimensional é mais adequada para a apreensão da realidade multifacetada da consciência do que a abordagem categorial, a qual pretende enquadrar ou não um indivíduo a determinados critérios diagnósticos, oferecendo a resposta final “portador” ou “não-portador” do distúrbio de personalidade.

Aferição. Desde que a consciência esteja em seu pleno juízo (discernimento), automotivada e aberta para fazer a análise crítica de seus traços, não há ninguém mais autorizado a aferir em que medida os mesmos atuam no universo das vivências pessoais, o quanto impactam a sanidade, a funcionalidade, as inter-relações e a vida como um todo.

Autodiagnóstico. Além dos critérios apresentados acima, sugerimos, tanto com base na literatura até o momento apresentada quanto nas experimentações pessoais, que a pessoa interessada no autodiagnóstico do narcisismo faça a avaliação mais sincera e isenta possível das seguintes questões sobre seus traços de manifestação:

1. Qual a real importância que a admiração externa possui em minhas ações? O quanto de minha intencionalidade é primária ou secundariamente voltada à obtenção desta admiração?

2. Em que medida minha autoestima é vulnerável ao que eu imagino ser a opinião dos outros sobre mim? Meu autoconceito é mais estável e realista ou mais oscilante entre os extremos *sou o máximo – sou um fracasso*?

3. Acaso mantenho alguma crença de ter direitos especiais, privilégios e exclusivismos pelo simples fato de *eu ser eu*? Aceito em toda a extensão a premissa de não ser melhor nem pior do que ninguém no que concerne ao meu valor essencial de consciência em evolução? Há alguma pretensão de superioridade inerente ou constitutiva do meu ser?

4. Qual é o espaço real que existe dentro de mim para os outros? Qual a profundidade da minha empatia? Qual o percentual da minha doação de afeto *versus* minha exigência de afeto? Consigo não somente não me incomodar, mas colaborar ativamente com o sucesso alheio?

5. Até que ponto consigo admitir erros pessoais, dos pequenos aos grandes, sem incorrer nos extremos do orgulho autodefensivo ou da vitimização autodepreciativa?

Disfuncionalidade. O grau de perturbação, conflito intra e interconsciente e

disfuncionalidade geral que o narcisismo acarreta determinará o nível de priorização do autoenfrentamento deste traço, não se descartando a necessidade de ajuda especializada, por exemplo da consciencioterapia ou das diversas psicoterapias convencionais.

Insight. Um grande obstáculo inicial dos indivíduos com narcisismo muito acentuado é o fato de que os traços de orgulho e vaidade obscurecem a capacidade de *insight* psicológico, definido como “uma consciência das causas subjacentes das reações e dificuldades emocionais, cognitivas ou comportamentais” (VANDENBOS, 2015, p. 544, trad. livre).

Impactoterapia. Conforme se verá adiante, o orgulho, a vaidade e a fantasia de grandiosidade costumam ser apenas a camada externa de acobertamento das fissuras mais sérias causadoras do narcisismo, porém é uma camada difícil de ser removida e, muitas vezes, somente a impactoterapia dos revezes multiexistenciais consegue fender essa crosta.

Saturação. Desse modo, a admissão do narcisismo, da urgência da recin e, não raramente, da necessidade de ajuda especializada, costuma sobrevir somente após o indivíduo narcisista atingir um ponto de saturação no qual não é mais possível negar a patologia, em virtude dos extensos efeitos deletérios tanto no mundo íntimo quanto no exterior.

2. CORRELAÇÕES DO NARCISISMO COM A DOCÊNCIA CONSCIENCIOLOGICA

Laboratório. A docência conscienciológica é um laboratório privilegiado para a autopesquisa e autoenfrentamento do narcisismo, notadamente por expor o microuniverso consciencial do docente à ampla interação com conscins e consciexes dos mais variados graus evolutivos, o que catalisa o autodiagnóstico profilático ou a deflagração do ponto de saturação anteriormente citado.

Acrítico. Em certos casos pode ocorrer uma intensificação ou reforço do narcisismo no início da atividade de docência conscienciológica, fomentado pela interpretação acrítica, por parte do(a) docente, de que a potencialização da memória, o taquipsiquismo, as inspirações oportunas e precisas, a intensidade do campo bioenergético e os parafenômenos vivenciados são méritos exclusivamente seus.

Complexidade. Os amparadores de função, que promovem o extrapolacionismo sadio do(a) docente a exemplo do que acaba de ser citado, de modo algum são coniventes com o narcisismo, mas no complexo universo da consciencialidade observa-se que não se pode esperar que uma pessoa esteja com todas as suas imaturidades sanadas para somente então contar com o amparo extrafísico.

Traforismo. No pré-serenão coexistem facetas admiráveis e imaturas, de modo que os amparadores se apoiam no que há de melhor na personalidade que já almeja praticar a interassistencialidade, ainda que tal intenção nobre possa estar imiscuída com outras intenções secundárias, a serem oportunamente depuradas.

Ambiguidade. O(A) docente de conscienciológica que se propõe o cumprimento de sua proxis por meio da tares mas que apresenta o traço pronunciado do narcisismo, cuja reciclagem inclusive constitui um item egocármico de sua missão de vida, pode deparar-se com a ambiguidade da intenção na docência: quer fazer assistência, mas não consegue deixar de também querer ser admirado(a).

Intencionalidade. Como toda consciência poliédrica, o narcisista apresenta facetas de alta competência com as quais busca se manifestar, o que por si só não seria problemático não fosse a referida intencionalidade ambígua.

Competitividade. Comumente o traço da competitividade está associado ao narcisismo, especialmente no subtipo grandioso descrito acima, o que na docência conscienciológica pode se manifestar por meio de frequentes comparações que o indivíduo faz de si com outros docentes, quase sempre intrafísicamente inauditas, mas multidimensionalmente retumbantes e problemáticas (BAZZI, 2004; RACHADEL, 2020).

Competências. Dentre as áreas de competência que podem ser imaturamente adotadas pelo indivíduo narcisista como alvos de competição ou comparação na docência conscienciológica, propomos as seguintes:

1. Apresentação: ter a melhor apresentação pessoal (porte, vestimenta, asseio, modos, gestual).
2. Comunicação: ter as melhores habilidades de retórica, oratória, didática e argumentação.
3. Cursos: ser o(a) docente que ministra os cursos mais avançados, com maiores pré-requisitos.
4. Erudição: ter a maior bagagem cultural, quantidade de livros lidos ou assuntos de domínio razoável.
5. Formação: ter a melhor formação educacional, ter frequentado as melhores instituições, feito mais de uma graduação e pós-graduações (mestrado, doutorado, pós-doutorado etc.).
6. Intelectualidade: ter a maior capacidade intelectual (associação de ideias, abstração, memória, agilidade de raciocínio).
7. Parapsiquismo: ter as parapercepções mais avançadas e acuradas, incluindo projeções conscientes, clarividência, psicometria e sinalética parapsíquica.
8. Prodígio: tornar-se o(a) mais jovem docente a ministrar cursos na condição de professor principal ou coordenador do curso.

Vulnerabilidade. É característica frequente do narcisismo não perder a oportunidade de manifestar orgulhosamente as competências que mais domina, formando uma imagem de alta performance, sucesso e autoconfiança, sob a qual encontra-se uma autoestima vulnerável e oscilante, altamente dependente dos sinais de aceitação e admiração externa (BRITO, 2020).

Acobertamento. A pretensão de grandiosidade e a dependência extrema da admiração alheia exigem o acobertamento dos traços imaturos, de si mesmo e dos outros, o que abre as portas para variadas autocorrupções, omissões, incoerências, bifrontismos e permissividades, entre outras atitudes anticosmoéticas.

Pressão. A exposição repetida do microuniverso pessoal aos alunos, aos guias-cegos e aos assediadores destes e do(a) próprio(a) docente acaba por gerar, inevitavelmente, a pressão evolutivamente sadia sobre as fissuras conscienciais que devem ser sanadas para a continuidade e progresso dos trabalhos interassistenciais, não escapando desse princípio geral o narcisismo.

Coerência. A exposição de conteúdos na aula de conscienciologia, como regra, acaba sendo uma autoexposição de posturas (exemplarismo), de posicionamentos perante realidades evolutivamente prioritárias que interessam a conscins e consciexes, por vezes mais às últimas, as quais podem seguir acompanhando o(a) docente após o término da aula para averiguar, com os *próprios para-olhos*, a coerência do que foi exposto.

Confrontação. Nesse contexto, o(a) docente com traços narcisistas acentuados se confrontará, cedo ou tarde, com os desafios de expor, discutir, exemplificar e esclarecer conscins e consciexes acerca de assuntos que se chocam frontalmente contra seu narcisismo, a exemplo da

maxifraternidade, da autenticidade, da abnegação, do egocídio, da autoinocorrutibilidade, entre diversos outros.

Constrangimentos. Começam a surgir certos *constrangimentos cosmoéticos* inescapáveis, situações que põem em xeque a fantasia narcísica de superioridade, portanto bem indicadas do ponto de vista evolutivo e terapêutico, como os seguintes cinco exemplos oriundos da casuística pessoal do autor:

1. A aluna do curso de conscienciologia de longa duração, a qual é também colega de trabalho do docente responsável por ministrar o referido curso, que aponta, à queima-roupa e de modo indefensável, a discrepância entre os elevados conceitos ensinados em sala e os comportamentos espontâneos imaturos no ambiente de trabalho.

2. O desconforto íntimo mantido em segredo, porém intenso e inegável para o docente narcisista, ao saber que seu colega de docência conscienciológica foi escolhido para ministrar um curso mais avançado após ter apresentado um desempenho notável durante atividade de treinamento docente.

3. O questionamento aberto e direto feito por um aluno que alega perceber uma qualidade duvidosa nas energias do docente e que, independentemente da fidedignidade da percepção, constitui prova de fogo para o narcisismo.

4. O medo instintivo de ter sido descoberto nas próprias imaturidades diante do relato de um aluno segundo o qual, em projeção consciente, viu o docente com baixa lucidez e com más companhias extrafísicas, rumando para região baratroférica, seja tal relato verídico ou não.

5. A amiga de longa data que, após alguns anos de distanciamento, comparece a uma exposição pública do docente e lhe dá, de modo franco e cosmoético, a heterocrítica sobre percebê-lo desmotivado, de energias apagadas e fisicamente obeso.

Autoenfrentamento. Tal casuística reforça a opinião deste autor de que, se por um lado para *começar* uma atividade cosmoética em parceria com os amparadores extrafísicos a conscin não precisa estar com todas as suas imaturidades sanadas, por outro lado para dar *prosseguimento* e *avançar* na linha da interassistencialidade universalista, o autoenfrentamento das fissuras da personalidade é condição inarredável.

Oportunidades. As heterocríticas mais francas e contundentes costumam ser as melhores oportunidades de autoconscientização para o indivíduo narcisista, ainda que o valor das mesmas possa demorar meses ou anos para ser reconhecido, após a superação do trauma, do melindre ou mesmo da negação.

Rebaixamento. Na senda da descensão cosmoética sobrevém o rebaixamento contraditório, exemplificado pelo fato de que ser desbancado é uma das melhores ocorrências na vida do narcisista, do ponto de vista evolutivo (VIEIRA, 2020).

Superação. Em paralelo às valiosas oportunidades de autoconfrontação com as imaturidades, a docência conscienciológica propicia também a vivência dos aspectos mais maduros e pró-evolutivos (trafores) do indivíduo que, apesar de suas fissuras, almeja adentrar em novo ciclo existencial marcado pela superação do egoísmo e implantação do holopensene interassistencial pessoal.

Antevisão. Podem ocorrer, na casuística do narcisista que esteja predisposto, atuações marcadamente positivas na docência conscienciológica, pontuais ou por um determinado período, em que o narcisismo fica anulado ou mitigado em prol do real engajamento nas tarefas

interassistenciais do esclarecimento, constituindo a motivadora antevisão de como a vida pode ser melhor se o traço patológico for reciclado.

Coragem. A clara e insofismável vivência de que a capacidade interassistencial se amplia e a interação com os amparadores melhora na medida em que as pretensões e reivindicações egóicas são postas de lado aumenta a motivação e a coragem do indivíduo narcisista, que já está no ponto de saturação ou próximo dele, para dar os próximos passos rumo à recin prioritária.

3. AUTOENFRENTAMENTO E AUTOSSUPERAÇÃO DO NARCISISMO

Honestidade. Dentre as muitas bases sobre as quais uma verdadeira recin pode começar, este autor gostaria de destacar, no que tange à sua vivência com o traço do narcisismo, a honestidade como passo fundamental percebido rumo ao autoenfrentamento, representada pela frase singela: *Não adianta fingir nem fugir, eu não estou feliz assim e nesse rumo vou desperdiçar minha vida.*

Alerta. Fica aqui o alerta para o(a) colega intermissivista que porventura se identifique com algum grau de narcisismo problemático, a não se demorar em mecanismos de defesa do ego, intelectualizações, escapismos e outras formas de fuga do desconforto, a ponto de perceber a instalação da melancolia intrafísica (melin) conforme os anos passam.

Consciencioterapia. Para todo aquele que admite ter curso intermissivo e proéxis, mas que está sentindo bater a melin e se vê enredado com as mesmas questões conscienciais por mais de uma década, é fortemente recomendável iniciar (ou reiniciar) um acompanhamento consciencioterápico.

Realismo. A honestidade para consigo leva ao realismo necessário para iniciar a refutação da fantasia narcísica e do orgulho que a protege, debaixo dos quais muitas vezes se encontram uma autoestima vulnerável e um autoconceito distorcido, geralmente muito negativo.

Cisão. Não é de modo algum contraditório que o indivíduo narcisista possua um autoconceito negativo sobre si mesmo, fato já pesquisado na psicologia como a cisão das auto-representações, por meio da qual alguém pode manter uma auto-representação inflada de si mesmo no nível explícito e carregar, ao mesmo tempo, auto-representações extremamente negativas “enterradas num nível implícito” (TRACY et. al., 2009, p. 197).

Indicativos. Enquanto houver evitação do desconforto, não há como desenterrar tais elementos implícitos debaixo do narcisismo, portanto é válido amplificar a atenção para todos os indicativos emocionais de tais aspectos, tais como o melindre, a vergonha e as fobias, e olhá-los de frente.

Melindre. Descrito de modo simples e claro como “disposição para se ressentir de coisa insignificante” (HOUAISS, 2001, p. 1887), o melindre constitui uma das maiores evidências da fragilidade da autoestima.

Erros. O desafio para o narcisista é ter postura autopesquisística frente ao melindre, sem incorrer em dois erros comuns: transformar o melindre em ressentimento, afundando em ruminções mentais e patopensividade (autoassédio), ou perseguir sofregamente uma performance compensatória em alguma área de alta competência para anestesiar o desconforto.

Vergonha. A vergonha é caracterizada como “uma emoção altamente desagradável originada do senso de existir, na própria conduta ou nas circunstâncias, algo de desonroso, imodesto ou indecente” (VANDENBOS, 2015, p. 975, trad. livre), sendo considerada “o afeto-chave” ou “a forma básica de desprazer nos distúrbios do narcisismo” (WRIGHT et al., 1989, p. 218).

Patognomônico. Este autor propõe como hipótese que, se a vergonha é a emoção predominante ou de fundo, com frequentes e fáceis agudizações, tal conjuntura configura-se em sinal patológico inconfundível (patognomônico) de autoconceito negativo.

Fobias. As fobias, definidas como “medo persistente e irracional de uma situação, objeto ou atividade específicos, que por conseguinte são ou fortemente evitados ou encarados com alto estresse” (VANDENBOS, 2015, p. 792, trad. livre), muitas vezes são indicativos extremamente úteis de onde reside o nó górdio da personalidade.

Casuística. As seguintes fobias foram identificadas na casuística pessoal, auxiliando sobremaneira no mapeamento mais acurado das causas do narcisismo:

1. Atelofobia: o medo de ser imperfeito(a).
2. Cacorrafiobia: o medo do fracasso.
3. Catagelofobia: o medo do ridículo.
4. Enissofobia: o medo de ter cometido um pecado ou falha imperdoável.
5. Gelotofobia: o medo de ser motivo de piada.

Defensividade. Tais fobias apontam para uma excessiva defensividade em relação à mais remota ameaça de dano à autoestima, revelando sua vulnerabilidade, tal como a pessoa com extensa queimadura corporal que se esquia até das correntes de ar.

Megaferida. O melindre, a vergonha e as fobias específicas da autoestima vulnerável indicam que o narcisismo pode ser uma grande formação reativa ante um autoconceito negativo profundamente arraigado, gerador de verdadeira megaferida do psicossoma.

Exaurimento. A estratégia para encobrir tal megaferida sob uma fantasia de superioridade, altamente dispendiosa de tempo, esforços e energias, está fadada ao exaurimento em algum momento da jornada evolutiva multiexistencial da consciência.

Cosmoética. Tal exaurimento ocorre cedo ou tarde porque a consciência acaba se deparando com o gargalo da cosmoética, ou seja, até certo ponto as competências e habilidades podem ser desenvolvidas dissociadas de um nível elevado de moral, porém certas conquistas evolutivas têm como *conditio sine qua non* a cosmoética vivenciada (VIEIRA, 2020).

Autoengano. O narcisismo oriundo da tentativa de encobrir um autoconceito negativo é essencialmente anticosmoético, em primeiro lugar do ponto de vista egocármico, visto ser um grande autoengano de enormes prejuízos para a autocognição e a recuperação de cons (unidades de lucidez consciencial).

Vitimização. No processo de desatar o nó górdio do narcisismo, é importante não incorrer no mecanismo diametralmente oposto da vitimização autodepreciativa, em que a pessoa abraça o autoconceito negativo identificado e faz dele a nova estratégia para angariar atenção, energia e afeto dos outros.

Medidas. A reestruturação do autoconceito a partir da descensão cosmoética, da sinceridade para consigo mesmo, do realismo assentado na racionalidade e do comprometimento em viver de modo coerente com os princípios morais já aceitos teoricamente parecem ser, até onde as limitações desse autor o permitem enxergar, as medidas de autoenfrentamento do tipo de narcisismo aqui descrito.

Interassistência. A *terapia da disponibilidade íntima para a interassistência* parece ser a via mais inteligente de remissão do complexo nosológico apresentado, pois ao mesmo tempo afasta a consciência do foco egoísta em torno do qual gira o narcisismo e fornece fatos concretos para

o soerguimento do autoconceito (VIEIRA, 2020).

Anonimato. Nesse sentido é recomendável à pessoa que deseja superar o narcisismo experimentar a prática da assistência anônima ou, quando não for possível o anonimato, que assuma como conduta-padrão não comentar com terceiros nada sobre o processo em que foi assistente, incluindo as parapercepções da tenepes.

Vacinas. O anonimato e a discrição serão as vacinas contra a recidiva do narcisismo, pois se opõem à insinuação da intencionalidade espúria de angariar admiração por meio da interassistência.

Conquista. O acúmulo de tais experiências tem efeito positivo direto sobre o autoconceito, pois perceber a si mesmo como coerente com os próprios princípios cosmoéticos sem necessidade de plateia, elogios ou agradecimentos é uma conquista íntima que põe em andamento a cicatrização da megaferida psicossomática, anteriormente descrita.

Resolutividade. Muitas das competências e habilidades que antes estavam a serviço do narcisismo recebem novo influxo e vigor com a qualificação da intencionalidade (catarse cosmoética), propiciando uma resolutividade interassistencial que mantém a automotivação, constituindo um ciclo virtuoso (VIEIRA, 2020).

Consolidação. A docência conscienciológica passa então de elemento catalisador do autoenfrentamento para campo de consolidação de novo patamar evolutivo, uma vez que no cenário da aula o(a) docente estará no centro das atenções, contando com as benesses da equipe de amparadores, e a despeito de todos os potenciais ativadores do narcisismo, experimenta de modo libertador a assistência inegoica.

Assistido. E para depurar de modo eficaz o narcisismo, convém ter sempre em mente nas situações em que se está atuando ostensivamente na condição de assistente, como é o caso da docência conscienciológica, a sutil e ao mesmo tempo impactante verdade da *assistência do assistido* (VIEIRA, 2020).

CONCLUSÃO

Catarse. A docência conscienciológica acelera a catarse cosmoética da personalidade narcisista, oferecendo experiências inavaliáveis de autoenfrentamento e campo prático para a autossuperação.

Crises. Ao indivíduo que já se apresenta próximo do ponto de saturação do narcisismo, a ampla autoexposição de ser professor(a) de conscienciológica pode ser o empurrão que faltava para crises de crescimento salutares e necessárias.

Depuração. A descensão cosmoética, a sinceridade para consigo mesmo, a coragem para enfrentar o desconforto emocional advindo de um autoconceito negativo, a evitação da vitimização e a coerência entre ações e princípios cosmoéticos são os elementos encontrados por este autor para a depuração do narcisismo, coroados pelo efeito terapêutico da interassistência.

Responsabilidade. Com lógica e autocrítica, cabe reconhecer que os conhecimentos, técnicas e propostas avançadas hoje disponíveis, notadamente nos campos da consciencimetria, consciencioterapia e autorreeducaciologia, modificam completamente a medida da responsabilidade perante a autoevolução.

REFERÊNCIAS

- AARON, Pincus L., ROCHE, Michael J. Narcissistic grandiosity and narcissistic vulnerability. In: CAMPBELL, W. Keith; MILLER, Joshua D. (Eds.) **The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder - Theoretical approaches, empirical findings and treatments**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011, p. 31-40.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. [2013]. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM - V)**. 5a ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 645-649 e 669-672.
- BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 28-29.
- BAZZI, Munir. Despojamento na superação da competitividade. **Conscientia**, Foz do Iguaçu, v. 8, n. 3, p. 161-168, jul. / set. 2004.
- BRITO, Karine (K. B.) **Orgulho**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <http://www.tertuliaconscienciologia.org>. Acesso em 31 de março de 2020.
- CALIGOR, Eve.; LEVY, Kenneth. N.; & YEOMANS, Frank. E. Narcissistic Personality Disorder: Diagnostic and Clinical Challenges. **American Journal of Psychiatry**, v. 172, n.5, p. 415-422, 2015, maio 2015.
- CLONINGER, Susan C. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1-13.
- FREUD, Sigmund. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV, p. 81-108.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- LEVY, Keneth N.; ELLISON, William D.; REYNOSO, Joseph S. A historical review of narcissism and narcissistic personality. In: CAMPBELL, W. Keith; MILLER, Joshua D. (Eds.) **The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder - Theoretical approaches, empirical findings and treatments**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011, p. 3-10.
- MCHUGH, Paul R. Striving for coherence - Psychiatry's efforts over classification. **JAMA: The Journal of the American Medical Association**, v. 293, n. 20, p. 2526-2528, maio 2005.
- MILLER, Joshua D.; MAPLES, Jessica. Trait personality models of narcissistic personality disorder, grandiose narcissism, and vulnerable narcissism. In: CAMPBELL, W. Keith; MILLER, Joshua D. (Eds.) **The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder - Theoretical approaches, empirical findings and treatments**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011, p. 71-72.
- RACHADEL, Cleverson (C. L. R.). **Trinômio Arrogância-Competição-Ostentação**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**. Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 30 de março de 2020.
- SOUTH, Susan C., EATON, Nicholas R., KRUEGER, Robert F. Narcissism in official psychiatric classification systems. In: CAMPBELL, W. Keith; MILLER, Joshua D. (Eds.) **The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder - Theoretical approaches, empirical findings and treatments**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011, p. 22-29.
- TRACY, JESSICA L. *et al.* Authentic and hubristic pride: the affective core of self-esteem and narcissism. **Self and Identity**, v. 8, p. 196-213, 2009.
- VANDENBOS, Gary R. (Ed.) **APA Dictionary of Psychology**. 2nd ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2015.
- VERNET, Oswaldo (O. V.). **Hermenêutica Autovivencial**. In: Vieira, Waldo; **Enciclopédia da Conscienciologia**.

Edição online. Disponível em: <<http://www.tertuliaconscienciologia.org>>. Acesso em 30 de março de 2020.

VIEIRA, Waldo. **Projeciologia** - Panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. 10a ed. Foz do Iguaçu: Editares, 2008, p. 28-29.

VIEIRA, Waldo. **Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica**. 9ª Ed. Digital. Foz do Iguaçu, PR, Associação Internacional Editares; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEA-EC), 2020 (Verbetes: Assistência do Assistido, Assistência Inegoica, Autabnegação Cosmoética, Autexclusão Cosmoética, Descensão Cosmoética, Catarse Cosmoética, Consciência Poliédrica).

WRIGHT, Fred et al. Shame, guilt, narcissism, and depression: correlates and sex differences. **Psychoanalytic Psychology**, v. 6, n. 2, 1989, p. 217-230.

Munir Bazzi, médico infectologista, bacharel em Filosofia, voluntário da Conscienciologia desde 2000, professor de conscienciologia desde 2001, tenepessista. E-mail: munirbazzi@gmail.com